

A REPRESENTAÇÃO DA PAISAGEM NOS HINOS NACIONAIS NÓRDICOS

Tiago José Berg¹

Introdução

Um hino nacional é uma obra de caráter poético e musical e, geralmente, é reconhecido por um país como a sua “canção nacional”. Hinos nacionais, assim como bandeiras e brasões, fazem parte de um rol de tradições associadas aos símbolos nacionais, correspondendo ao “cartão de visita” de uma nação (CERULO, 1993). Eles devem ter, em princípio, “a capacidade de traduzir o sentimento coletivo, de expressar a emoção cívica dos membros de uma comunidade nacional” (CARVALHO, 1990, p.127).

Símbolos e rituais são fatores decisivos no processo de criação da identidade nacional, pois a nação, como uma forma de comunidade, implica tanto na semelhança entre seus membros, quanto na diferença em relação aos estranhos (GUIBERNAU, 1997). Assim, eles criam no pensamento coletivo uma noção de identidade, em que se pode experimentar a realização física da “comunidade imaginada” (ANDERSON, 2005) através do processo ritual. Da mesma forma, “quando fazemos parte desse ritual, captamos todas essas mensagens ao mesmo tempo e as condensamos numa única experiência, assim nós dizemos coisas a nós mesmos” (LEACH, 1978, p.53), pois, ao se cantar o hino, se recria e se reproduz a lealdade ao sujeito coletivo, o nós (ESTÉVEZ, 2004), que entra em comunhão com essa identidade transplantada para o âmbito nacional.ⁱ

É preciso lembrar que esta é, também, uma característica intrínseca dos símbolos, pois eles projetam uma mensagem que é propositalmente e meticulosamente construída no período em que foram adotados ou escolhidos como emblemas de uma nação. Assim, eles não são projetados apenas para a

população nacional, mas, também, para um mundo além das fronteiras nacionais (CERULO, 1993).

Da mesma maneira, os símbolos também mascaram a diferença e põem em relevo a comunidade, criando um sentido de grupo, pois as pessoas constroem a comunidade de uma forma simbólica e transformam-na como um referencial de sua identidade (GUIBERNAU, 1997). Para entender como essa construção de identidade se dá, é preciso compreender que ela também é parte do discurso nacional(ista), pois ele “estimula a invenção de rituais e símbolos de reforço” (BREEN, 2008, p.93).

Guibernau (1997) chama a atenção para o fato de que os símbolos são eficientes também por serem imprecisos, e essa imprecisão converte-se em uma “neutralidade” quando eles apresentam a natureza como uma exaltação passiva (CHAUÍ, 2000). A representação da paisagem nos hinos os torna, assim, “meios ótimos mediante os quais as pessoas podem falar uma língua comum, comportar-se de maneira manifestadamente semelhante, participar dos mesmos ritos [...]” (COHEN, 1985, p.21).

Além disso, a paisagem tem servido como um recurso usado para reforçar o discurso e a identidade nacional. Lowenthal (1994), ao analisar as paisagens na Europa, mostra como elas ainda permanecem como fortes ícones de identidade nacional, pois estão ligadas à memória, ao ambiente rural e ao regionalismo, e mesmo em lugares onde, há muito tempo, já foram transformadas, elas continuam a inspirar afeição, mostrando que a geografia ainda é valorizada em grande parte pelas lentes da nação.

Paisagem e a representação da identidade nacional

O último quartel do século XX assistiu a volta do interesse pela paisagem nos estudos dos geógrafos, tanto pelo número de publicações, quanto pelas

associações com o tema (SALGUEIRO, 2001). Esta, mais do que um retorno à “velha geografia” (DOMINGUES, 2001) ou mesmo ligando-se às novas perspectivas em torno dela, na geografia cultural (CLAVAL, 2002), volta a estar inserida nos estudos geográficos a partir da década de 1970, com uma abordagem diferente (MELO, 2001).

Historicamente, a paisagem aparece identificada com a fisionomia de uma dada área e sua expressão é visível na pintura, a partir dos séculos XVI e XVII. Os pintores, ao percorrerem os campos, escalar montanhas, fazer croquis e esboços da natureza, começam a encontrar um novo ritmo de inspiração que passa a servir mais tarde, nos ateliês, para a composição de pinturas de paisagens de acordo com o que fora visto pelo artista, ou mesmo por sua imaginação das parcelas do real. “Foi na mediação com a arte que o sítio (o lugar) adquiriu estatuto de paisagem” (ROSENDAHL; CORRÊA, 2001, p.15), que até o século XVIII era um sinônimo de pintura, passando depois a ser objeto de interesse de escritores, poetas e romancistas.

No final do século XIX, não apenas os pintores e escritores, mas também geógrafos e militares passaram a se interessar pela paisagem e sua real representação (LACOSTE, 2003). O estudo da paisagem como conceito e, por associação, a própria noção de região, para os geógrafos, começou numa época em que a geografia se afirmava como uma disciplina de charneira nas ciências físicas e humanas (DOMINGUES, 2001). Em resumo, uma ciência vista como síntese resultante da relação entre as condições naturais e a ação do homem, organizado em sociedades portadoras de uma história, cultura e evolução tecnológica. Mais do que isso:

[...] as paisagens geográficas continham uma espessura antropológica, uma memória reveladora de diversas sedimentações ou marcas deixadas por sucessivas transformações. As paisagens eram patrimônio cultural, elemento imprescindível da identidade de um povo ou até um modelo de coesão do Estado-Nação (DOMINGUES, 2001, p.56).

Sendo a paisagem um vetor passivo (LUCIARI, 2001), através dos elementos naturais que a compõem, esta pode ser “eleita” como símbolo, desviando o foco do conflito social ou do baixo controle sociopolítico, como argumenta Cerulo (1993), para atuar como elemento de unidade nacional. Olwig (1996) apud Claval (2002) ressalta também que a organização da paisagem reflete a existência de um sistema de poder, pois existe uma relação entre o país como criação política e a paisagem como expressão da personalidade do grupo social. O sentido de identidade de muitas coletividades sociais está ligado também às paisagens da lembrança e da memória. Conforme relembra Luchiari (2001, p.13-19):

As paisagens construídas e valorizadas da sociedade revelam sua estrutura social e conformam lugares, regiões e territórios. A paisagem é materialidade, mas é ela que permite à sociedade a concretude de suas representações simbólicas [...] é, ao mesmo tempo, ancorada no solo, modelada pelas transformações naturais e pelo trabalho do homem e, acima de tudo, objeto de um sistema de valores construído historicamente e apreendido diferentemente, no tempo e no espaço, pela percepção humana.

A paisagem é vista, assim, como um “um sistema significante”, uma “maneira de ver”, compor e harmonizar o mundo externo em uma unidade visual (COSGROVE, 2004). Para Duncan (2004, p.100), o mundo é revestido de sistemas de representação e “para compreender a natureza relacional do mundo precisamos ‘completá-lo’ com muito do que é invisível, para ler os subtextos que estão por debaixo do texto visível”. Para o autor, a paisagem ainda é um dos elementos centrais do sistema cultural, pois, “como um conjunto ordenado de objetos, um texto, age como um sistema de criação de signos através do qual um sistema social é transmitido, reproduzido, experimentado e explorado” (DUNCAN, 2004, p.106).

Dessa maneira, a paisagem é como um mosaico, uma representação do existente (ou do ansiado) apreendido sob uma determinada perspectiva de recorte espacial (terra, província, país, região, território) e sua representação tem raízes subjetivas pelos recursos dos ritos simbólicos que ostenta. Nos símbolos nacionais, a paisagem é sempre apresentada como a “paisagem nacional”, um

recorte que visa possuir uma delimitação espacial e que procura evocar na consciência coletiva as características que são ditas ou imaginadas como “naturais da nação”. Conforme aponta Cosgrove (1998, p.13), “a paisagem denota o mundo exterior mediado através da experiência subjetiva humana”, sendo que ela é uma construção, uma composição e uma maneira de ver o mundo, o que também torna necessário ir mais a fundo para decifrar os seus recortes e representações em torno do discurso nacional.

Paasi (1997; 2003) recorda que a maioria das nações possui paisagens que são de importância na sua iconografia. As paisagens podem ser cruciais para a integração social, uma vez que elas fazem parte das memórias, ideias e sentimentos compartilhados da nação. Elas também fornecem a base material concreta para o simbolismo nacional abstrato, representado em pinturas, poemas e romances. Além disso, o imaginário em torno da paisagem não consiste de um conjunto aleatório de representações da mesma, mas é construído a partir de imagens de paisagens pré-selecionadas, alocadas para um determinado papel na narrativa e suportadas por um conteúdo temático, como uma distintiva técnica de visualização e naturalização (HÄYRYNEN, 2008).

Hinos nacionais nórdicos e suas representações da paisagem

Os hinos nacionais surgiram com esse status no final do século XVIII, junto com a formação dos primeiros Estados modernos. Mas, foi somente em meados do século XIX que o conceito de uma canção reconhecida como símbolo oficial por um país passou a se difundir com maior força. Na Europa, os hinos precursores provêm de dois estilos musicais: aqueles cuja melodia estava ligada a um sentido religioso,ⁱⁱ como no caso britânico e holandês, e outros onde a música foi associada às marchas militares, dentre os quais se sobressaem o hino francês e o espanhol. Há também os países que adotaram como símbolo as canções folclóricas (em particular na região do mar Báltico e no Leste Europeu). Esse período também se caracterizou pela transformação cultural, através do

aparecimento do nacionalismo na música clássica, quando “o orgulho e a honra nacionais receberam sua expressão musical mais amplamente reconhecida sob uma forma vastamente aceita na metade do século XIX – o hino nacional” (MENUHIN; DAVIS, 1990, p. 180).

Este artigo procura fazer uma análise da representação da paisagem nas letras dos hinos nacionais dos países nórdicos, na região conhecida por Escandinávia, através da análise de sua narrativa, cuja temática envolve fortemente a noção de paisagem e identidade nacional. Jones e Olwig (2008) mostram que a região nórdica, desde a fronteira com a Rússia e os países do Báltico, a leste, e com a América do Norte, a oeste, é particularmente um local fértil para o exame do significado e evolução da paisagem. Essas fronteiras naturais, ao longo do século XIX, acabaram por se tornar também fronteiras políticas (OLWIG, 2008a). Sendo o hino também uma obra poética, seu método de análise deve ser o tratamento do seu texto não como objeto, mas como sujeito, com o qual o geógrafo deve dialogar (BROSSEAU, 2007).ⁱⁱⁱ

Sporrong (2008a) mostra que importantes fontes históricas que descrevem a paisagem estão presentes na literatura, na arte e na música. A geografia aborda a temática que envolve a dimensão literária e musical de maneiras variadas, através do ponto de vista humanista, da história, da crítica social, da linguagem e pela análise do discurso.^{iv} Neste sentido, no que compete à investigação entre realidade e ficcionalidade, “uma obra literária não se expõe ao julgamento do verdadeiro e do falso. Então, não é tanto a busca da realidade que deve prevalecer, e sim o seu modo de apresentação” (BROSSEAU, 2007, p. 113), sobretudo em uma região cujos hinos nacionais derivam fortemente de obras poéticas, baladas populares e canções folclóricas, as quais, tempos mais tarde, foram absorvidas pelos Estados nacionais como representações legítimas.

Além disso, durante o século XIX, a música desempenhou um papel catalisador na construção das nações, expressou sentimentos nacionais através

de temas folclóricos e se tornou um ponto de partida interessante para entender determinadas características dos lugares (CARNEY, 2007). Como a característica intrínseca dos símbolos é projetar uma mensagem construída como objeto de exaltação cívica, assumindo uma intencionalidade que deve ter um sentido “emotivo” (CARVALHO, 1990), através de pontos de referência da experiência humana para criar uma “identidade” nacional (CERULO, 1993; GUIBERNAU, 1997; PAASI, 1997, 2008; HALL, 2005), o hino nacional, assim como uma música ou canção, atinge diversas escalas no que Carney (2007) denomina de “a hierarquia dos lugares”,^v cujo último posto é ocupado pela escala nacional.

Assim, para uma análise de sua dimensão cultural e histórica dentro da geografia, foram tomadas como referência, na região dos países nórdicos^{vi}, as letras dos hinos nacionais da Dinamarca, Suécia, Noruega e Finlândia. Sua estrutura poética revela as várias tentativas de construir identidades em torno da paisagem (e suas mais diversas escalas), em uma relação que envolve o nacionalismo romântico do século XIX, caracterizado por um movimento cultural identificado com as mais diversas expressões artísticas e cujo desenvolvimento foi paralelo ao nacionalismo político de modo geral (OLWIG, 2008b).

É nesse contexto que o poema *Der er et Yndigt Land* (É um Belo País) ilustra muito bem a era romântica nacional da primeira metade do século XIX. A letra foi escrita em 1819, pelo poeta Adam Gottlob Oehlenschläger (1779-1850), e recebeu melodia de Hans Ernst Krøyer (1798-1879), em 1835. A canção ganhou popularidade entre os dinamarqueses e foi adotada como hino nacional durante uma cerimônia pública realizada em 4 de julho de 1844, na capital Copenhague. A letra^{vii} é a seguinte:

<i>Der er et yndigt land,</i>	É um belo país
<i>Det står med brede bøge</i>	Com extensas faias
<i>Nær salten Østerstrand:</i>	Junto às salgadas praias do Leste.
<i>Det bugter sig i bakke, dal,</i>	Ondula em colinas e vales,
<i>Det hedder gamle Danmark,</i>	Esta é a velha Dinamarca,

	<i>Og det er Frejas Sal.</i>	E é a sala de Freja.
	<i>Der sad i fordums tid</i>	Aqui assentaram-se nos tempos
idos	<i>De harniskklædte kæmper,</i>	Gigantes de armadura,
	<i>Udhvilede fra strid:</i>	Descansados do combate
	<i>Så drog de frem til fjenders men;</i>	Ao encontro dos inimigos
marcharam;	<i>Nu hvile deres bene</i>	Agora descansam das canseiras
	<i>Bag højens bavgasten.</i>	Atrás das pedras dos túmulos nas
colinas.		
	<i>Det land endnu er skønt;</i>	Este país continua belo
	<i>Thi blå sig søen bælder,</i>	Porque os mares azuis o circundam
	<i>Og løvet står så grønt,</i>	E as folhas se mostram tão verdes,
	<i>Og ædle kvinder, skønne møer</i>	E nobres mulheres, lindas virgens
	<i>Og mænd og raske svende</i>	E homens e rapazes viris
	<i>Debo de danskes øer.</i>	Habitam as ilhas dinamarquesas.
	<i>Hil drot og fædreland!</i>	Honra teu rei e tua pátria!
	<i>Hil hver en danneborger,</i>	Honra a cada dinamarquês,
	<i>Som virker, hvad han kan!</i>	Que contribui com o que pode!
	<i>Og gamle Danmark skal bestaa,</i>	E a velha Dinamarca deve continuar,
	<i>Så længe bøgen spejler</i>	Enquanto a faia espelhar
	<i>Sin top i bølgen blaa.</i>	Seu cume na onda azul.

A letra do hino nacional da Dinamarca revela um período de progresso romântico nacional, na primeira metade do século XIX, em que a noção de paisagem estava ligada não apenas aos aspectos naturais, mas também envolvendo os aspectos políticos em torno da região do Báltico, da península da Jutlândia e das ilhas que constituíram o loco da identidade nacional dinamarquesa. Olwig (2008a) mostra que a definição da “paisagem política” na Dinamarca, nos últimos quatro séculos, foi de uma área consistentemente pequena, pois o cenário de ação política dinamarquês envolvia, até o século

XVII, a região da Escânia (*Skania*), e do século XIV ao XVI toda a Escandinávia (União de Kalmar). Ao anexar as áreas do sul da península escandinava, que eram ligadas juridicamente e culturalmente à Dinamarca, o estado sueco alargou seus limites ao longo da fronteira natural de terra/água da península. Quando a Suécia anexou depois a Noruega (1814), completou esse processo, criando um império cercado de água, que se estendia, naturalmente, da costa norueguesa à fronteira com a Rússia.

Além disso, o poema de Oehlenschläger revela uma série de intervalos de tempo em sua estrutura, como uma sucessão de paisagens pictóricas e seus elementos. A primeira estrofe fala justamente da paisagem natural, com a descrição da península Jutlândia^{viii} como uma área florestada pela faia europeia (*Fagus sylvatica*), entre colinas e vales. Seu caminho em direção às praias “salgadas” do Leste serve mais como um recurso poético para falar das regiões insulares do país e como uma metáfora para a evocação dos antigos territórios de domínio dinamarquês na região leste do Báltico.^{ix} A deusa Freja, que na mitologia nórdica era associada à fertilidade e ao amor, ainda habita a Dinamarca, mas seu poder foi agora “domesticado” e colocado a serviço de uma sociedade moderna e progressista (OLWIG, 2008b).

A segunda estrofe esforça-se em reconstruir a identidade nacional através dos túmulos do passado, com suas lápides demarcando a paisagem como espaço sagrado de memória, respeito e afeição, principalmente “em uma era romântica, na qual a história, a arte gótica e as ruínas antigas tiveram [...] um papel da maior importância para o surgimento de uma identidade nacional” (KLINGE, 2000, p.74). Ela se pauta em uma referência à imagem passada pelas famosas pedras rúnicas de *Jelling*, a antiga capital viking da Dinamarca, erigida pelo rei Harald Bluetooth (Harald I da Dinamarca) em 980, cuja inscrição é conhecida como “batismo da Dinamarca”, dado ser a primeira sepultura que menciona o nome do país (OTERO, 2006).^x A terceira e quarta estrofes demarcam a nação como uma terra definida por sua costa e por sua identidade insular, caracterizada por fronteiras naturais, descrevendo os dinamarqueses

como laboriosos e modernos. Falam de uma época em que o romantismo nacional dinamarquês procurava, em grande parte, consolidar sua identidade na área core do antigo Reino da Dinamarca, a meio caminho entre a Alemanha e a Noruega (OLWIG, 2008b).

Por sua vez, a letra de *Du gamla, du fria* (Ó velho, ó, livre), escrita pelo folclorista e autor de baladas Richard Dybeck (1811-1877), em 1844, tem uma estrutura que revela a paisagem política da Suécia e sua situação geográfica, com forte descrição física. Após uma temporada na província vizinha de Darlana, à qual é creditada a inspiração para a letra do hino, Dybeck adaptou uma melodia popular de sua província natal (*Västmanland*) como música. No final do século XIX ela começou a ser cantada mais frequentemente e, com o decorrer do tempo, passou a ser considerada o hino nacional da Suécia:

Du gamla, du fria, du fjällhoga Nord, Ó velho, ó livre, ó montanhoso Norte,
Du tysta, du glädjrika sköna! Ó beleza silenciosa, cheia de alegria!
Jag halsar dig, vänaste land uppå jord, Eu te saúdo, ó mais adorável país sobre a
Terra,
Din sol, din himmel, dina ängder gröna. O teu sol, o teu céu, os teus prados verdejantes.

Du tronar på minnen från fornstora dar, O teu trono repousa sobre as memórias de
outrora,
Då ärat ditt namn flög över jorden. Quando o teu nome glorioso voou pelo Mundo.
Jag vet att Du är och du blir vad Du var. Eu sei o que tu és e serás o que tu foste.
Ja, jag vill leva, jag vill dö i Norden. Eu quero viver, eu quero morrer na terra nórdica!

A letra do hino sueco^{xi} revela uma exaltação ao território físico formado pela península escandinava, e, embora não apresente o nome do país (*Sverige*),^{xii} faz uma clara referência à expressão “terra nórdica” (*Norden*), que na época, primeira metade do século XIX, ajustava-se à paisagem política da Suécia (OLWIG, 2008a). Embora as fronteiras permanecessem inalteradas por quase 200 anos, os ajustes de limites com outros países nórdicos eram bastante comuns (SPORRONG, 2008a). A extensão geográfica da Suécia, por exemplo,

foi maior após 1660, depois de ter conquistado as províncias do sul da Dinamarca (*Scania, Halland e Blekinge*), assim como *Bohuslän e Jämtland*, que outrora pertenciam à Noruega. A Finlândia também fazia parte do reino até o começo do século XIX, assim como a Estônia, a Letônia, e certas áreas em volta do Golfo da Finlândia, o que hoje é a atual Rússia. Quando se converteu em um grande poder, após a Renascença, a Suécia também governou áreas no norte da Alemanha. Posteriormente, o país decresceu em tamanho e, a partir do século XX, só as antigas províncias dinamarquesas e norueguesas permaneceram dentro de suas fronteiras políticas. Mesmo assim, a Suécia preservou imaginativamente o orgulho de sua “fama” como potência regional, conforme a segunda estrofe do hino.

A descrição de uma terra antiga, virgem e adorável no norte da Europa, com seus terrenos montanhosos, com bosques, rios e prados que configuram sua “beleza silenciosa, [e] cheia de alegria”, mostra a concepção popular da percepção de um espaço físico cuja paisagem romantizada ainda caracteriza a geografia física da Suécia:

Se começarmos com a paisagem física, encontramos uma ou duas características que são quase únicas para a Suécia e Finlândia. Uma delas é o alicerce rochoso que consiste basicamente de gnaisse e granito; a outra é o fato de que o país estava coberto de gelo até cerca de dez mil anos atrás. [...] Além disso, a terra foi pressionada para baixo por uma capa de gelo de quilômetros de espessura e que ainda está em processo de emersão [...]. No extremo sul da Suécia, por outro lado, a terra está afundando no mar. Os efeitos mais visíveis do gelo sobre a superfície são as terras que lhe deram origem. A base, que é ácida e resistente às intempéries, eventualmente, se divide em grosseiros tilitos com grandes blocos de pedras e grandes depósitos de cascalho e areia. A porcentagem de terra sob cultivo é, portanto, baixa em todo o país, cerca de 7-8%, embora varie consideravelmente de região para região. No entanto, a terra é eminentemente adequada para as florestas, principalmente de coníferas, embora existam florestas decíduas naturais nas regiões do sul do país. Pouco mais de 55 % do país é coberto por florestas e outros 35 % consistem de terra inutilizável com tilitos de granulação grossa, turfeiras, lagos e mananciais. Apenas uma pequena porcentagem é coberta por assentamentos [...]. Se olharmos para o território como um todo, vemos o cultivo ao longo das costas e nas regiões que estão abaixo da linha de costa mais alta, particularmente em um cinturão em todo o país de leste a oeste [...]. No sul encontram-se as terras altas setentrionais da Suécia, onde as áreas cultivadas alternam-se com extensas florestas para formar uma “sorridente” e variada paisagem cujas casas de madeira pintadas de vermelho com quinas brancas [falu rödfärg] são consideradas típicas

da Suécia. No norte, os planaltos são cobertos de florestas, que, ao se aproximar da Noruega, tornam-se cadeias de montanhas com um caráter alpino. É em Norrland^{xiii} que a Suécia é mais rica de florestas e é aqui que encontramos floresta intacta e as regiões montanhosas que são únicas na Europa Ocidental. Aqui, também, existem turfeiras extensas e terrenos pantanosos, assim como lagos e cursos d'água que dão a esta região o seu indomável sentindo. Vários dos poderosos rios da Suécia correm de noroeste para sudeste passando por esta área erma [...] (SPORRONG, 2008a, p.141-143).

Sporrong (2008a) nota que a história da paisagem sueca encontra-se profundamente enraizada no cidadão comum devido ao fato de que a Suécia foi um país de agricultores até o século XX, e, para os padrões europeus, de industrialização tardia. Além disso, a inspiração de Dybeck para compor a letra do hino, após sua passagem pela província de Darlana (*Dalecarlia*), revela que:

[...] não é exagero dizer que a província significou e ainda significa muito para a imagem da Suécia. Na verdade, Dalecarlia foi por tempos e ainda tem sido representada como um ideal sueco [de região cultural]. [...] Durante séculos, Dalecarlia tem sido o centro das atenções, em primeiro lugar pelo papel que desempenhou na criação do Estado nacional, e, em seguida, como um destino turístico. [...] Outros fatores são a própria zona rural, o modo empresarial dinâmico, e, acima de tudo, a vida social e econômica que ali se desenvolveu (SPORRONG, 2008b, p.192).

Na Suécia, o termo usado para denominar “província” (*landskap*) preserva os traços históricos, culturais e geográficos ligados à paisagem, diferente da paisagem apenas como ponto de vista ou objeto de pura contemplação, como visto nas pinturas (*landskapbild*). Bladh (2008) ressalta que o conceito de *landskap*^{xiv} como um território vivido ou província histórica também possui uma longa tradição na Suécia e propagou-se apenas como uma noção de “cenário” por influência do romantismo do século XIX. Nesse momento, o termo foi especificamente praticado pela alta classe, ao estilo de uma *voyage pittoresque*, em que descrições das províncias eram publicadas em detalhe e as sociedades históricas olhavam para o passado dos mitos e das memórias dos tempos antigos, que se encontravam nessas diferentes regiões. Artistas e escritores também desempenharam sua parte nesse “romantismo naturalista”, muitas vezes relacionando os aspectos da *landskap* com a típica natureza e a cultura histórica sueca em diferentes áreas geográficas e enfatizando suas conexões

orgânicas (BLADH, 2008). Nesse contexto se encaixou o poema de Richard Dybeck.

Caminhando mais a oeste, vamos descobrir a versão original do hino norueguês, chamada *Ja, vi elsker* (Sim, nós amamos), escrita pelo poeta Bjørnstjerne Bjørnson (1832-1910), em 1859. Dada à sua popularidade, seu primo Rikard Nordraak (1842-1866) compôs a música para aqueles versos, em 1863. A canção se tornaria o hino nacional da Noruega em 17 de maio de 1864, quando foi apresentada no parlamento do país durante a cerimônia de aniversário dos cinquenta anos da adoção da Constituição norueguesa. A letra é a seguinte:

<i>Ja, vi elsker dette landet</i>	Sim, nós amamos esta terra,
<i>Som det stiger frem</i>	Que assim se levanta
<i>Furet, værbitt over vannet</i>	Áspera e erodida, sobre o mar,
<i>Med de tusen hjem.</i>	Com estes milhares de lares.
<i>Elsker, elsker det og tenker</i>	Amamos, amamos e pensamos
<i>På vår far og mor</i>	Em nossos pais e mães,
<i>Og den saganatt som senker</i>	E a saga ancestral ao anoitecer
<i>Drømme på var jord.</i>	Sonha com nossa terra.
<i>Norske mann i hus og hytte</i>	Norueguês, em casa e cabana, ^{xv}
<i>Takk din store Gud.</i>	Agradeça a teu grande Deus.
<i>Landet ville han beskytte</i>	Ele protegerá vosso país,
<i>Skjønt det mørkt så ut.</i>	Apesar do desespero e aflição.
<i>Alt hva fedrene har kjempet,</i>	Enquanto nossos pais lutavam,
<i>Mødrene har grett,</i>	E nossas mães choravam,
<i>Har den Herre stille lempet</i>	O Senhor calmamente nos guiava,
<i>Så vi vant vår rett.</i>	Até obtermos nossos direitos.
<i>Ja, vi elsker dette landet</i>	Sim, nós amamos esta terra,
<i>Som det stiger frem</i>	Que assim se levanta
<i>Furet, værbitt over vannet</i>	Áspera e erodida, sobre o mar,
<i>Med de tusen hjem.</i>	Com estes milhares de lares.
<i>Og som fedres kamp har hevet</i>	E como no altivo empenho paterno

*Det av nød til seir
Også vi når det blir krevet
For dets fred slår leir.*

Do infortúnio à vitória
Nós também, quando chamados,
Resistiremos por sua paz.

O hino nacional da Noruega apresenta, em sua descrição inicial, a natureza do país, aludindo à dureza do clima e à aspereza do solo arrasado pelo tempo (metaforicamente, como a face de uma pessoa). Com estas características forma-se a paisagem de um fiorde – *fjordscape* –, caracterizado por uma topografia vertical, com uma longa e estreita entrada de um braço de mar no continente e cujo entorno é cercado por montanhas. Os grandes gradientes de clima e de vegetação são típicos, tanto da costa para os vales internos, quanto do nível do mar ao topo das montanhas mais altas. Ao longo da costa, nas montanhas, nos vales e perto das geleiras, as populações se instalaram e, ao longo do tempo, exploraram os recursos naturais. Formaram paisagens culturais, por vezes dramáticas, devido às suas árduas condições físicas, integradas por um sistema de produção agrícola de pequena-escala, com padrões topográficos distintivos de uso da terra e variados tipos de vegetação seminatural (AUSTAD; HAGE, 2008). Atualmente, os fiordes continuam economicamente importantes, como um meio de transporte, pesca e pesca industrial.

Essas condições naturais, que envolvem as variações da geologia, topografia e clima (sobretudo da umidade e das baixas temperaturas), se encaixam com a expressão *tusen hjem* da letra do hino, que literalmente significa “milhares de países”,^{xvi} e serve para designar a paisagem agrícola das pequenas fazendas que se distribuem conforme as variáveis verticais do relevo. Jones (2008) mostra que muito do pensamento acerca da paisagem cultural na Noruega está associado, ainda hoje, com as áreas cultivadas, particularmente no contexto que envolve a relação ambiental das paisagens agrícolas. Entretanto, deve-se considerar também o papel que as paisagens de memória assumem nesse contexto, principalmente nas práticas que envolvem a pesca, baseadas na experiência e nas relações com a costa marítima, da qual, inclusive,

deriva o nome da Noruega (*Norge*).^{xvii} Ao mesmo tempo, essa paisagem no século XIX vai ser apropriada pelo nacionalismo romântico, pelo fato de que:

Os artistas noruegueses estavam ansiosos para criar uma identidade nacional para o renascido estado da Noruega depois de quinhentos anos em união com a Dinamarca, procurando vestígios e símbolos anteriores à união. A cultura urbana não tinha nenhuma destas heranças, tendo sido dominada e afetada por influências continentais [suecas] por um longo tempo. A paisagem do fiorde era 'original e verdadeira'. Entre os seus habitantes, podiam-se encontrar as tradições que tinham sobrevivido ao longo das centenas de anos de dominação estrangeira. Além disso, a paisagem do fiorde era extremamente rica no que talvez fosse o símbolo mais especial dos tempos de outrora – as igrejas de madeira. Aqui também houve uma profusão de evidências históricas que vieram se tornar clássicas no âmbito popular dos motivos para os amantes do romantismo. As lápides de pedra e os túmulos monumentais da Era Viking, os heróis mitológicos e a cultura camponesa foram elementos centrais na sua arte. A história deu a vida e caráter à natureza; a paisagem do fiorde tornou-se gradualmente a paisagem de romantismo patriótico na Noruega (AUSTAD; HAGE, 2008, p.392).

Esse renascimento cultural da Noruega entra em confluência com a segunda parte do hino, que vai tratar justamente do passado Viking do país. É como se, caindo no sono da noite, o país voltasse a sonhar com os dias gloriosos de outrora, a lembrar dos antepassados e a recriar uma identidade nacional em um tempo “linear e homogêneo”, conforme argumenta Anderson (2005). Na segunda estrofe, o hino apela à religião (luterana) dos noruegueses, procurando rememorar o passado mítico das lutas e a busca pela felicidade, como nação que aspirava a independência completa. Na estrofe final, a paisagem do fiorde (*fjordscape*) é retomada em sua primeira parte, como elemento original e único de nacionalidade, dentro da própria paisagem política da península escandinava, mostrando que seu papel no imaginário geográfico da nação foi primordial na busca da identidade e nacionalidade norueguesa.

O hino nacional da Finlândia tem como título *Vårt land (Maamme)*, que significa “Nossa Terra”. Sua letra foi escrita em sueco pelo poeta Johan Ludvig Runeberg (1804-1877) e cantada pela primeira vez por estudantes da Universidade de Helsinque, em 13 de maio de 1848, no “Dia da Flor”. A melodia foi composta pelo alemão Fredrik Pacius (1809-1891), que atuava como

professor de música na mesma instituição. A versão em finlandês para o hino foi redigida em 1889, pelo poeta e tradutor Paavo Eemil Cajander (1846-1913). Sua letra é a seguinte:

<i>Oi maamme, Suomi, synnyinmaa, Soi, sana kultainen! Ei laaksoa, ei kukkulaa, Ei vettä rantaa rakkaampaa,</i>	Nossa terra, a Finlândia, nossa pátria, Ecoa alto o teu nome valoroso! Nenhum monte além do horizonte, Nenhum vale escondido ou lago
iluminado	
<i>Kuin kotimaa tää pohjoinen, Maa kallis isien!</i>	É tão amado quanto o nosso Norte, O país de nossos antepassados!
<i>Sun kukoistukses kuorestaan Kerrankin puhkeaa, Viel lempemme saa nousemaan</i>	Tua flor, do botão adormecido, Uma vez rompido, há de crescer. Veja! O nosso amor mais uma vez irá
florescer,	
<i>Sun toivos, riemus loistossaan,</i>	Na tua luz e alegria, no teu brilho e
esperança!	
<i>Ja kerran, laulus synnyinmaa Korkeemman kaiun saa.</i>	E ainda mais um dia ressoará A canção que nossa terra entoará.

Apesar da Finlândia ter sido conquistada pela Rússia em 1809, esta se converteu em um Grão-Ducado autônomo, com suas próprias instituições políticas e financeiras, o que propiciou o surgimento de uma geração de escritores cuja obra buscava criar um sentimento de unidade nacional no país. Entre esses escritores, destaca-se Runeberg, que criou uma imagem idealizada do povo e da paisagem finlandesa^{xviii}, vista como um “panorama de verão de uma terra inabitada, evocando associações morais e religiosas” (KLINGE, 2000, p.71), bem como “uma terra dominada por lagos” (PAASI, 1997, p.45) e um conjunto de florestas, águas, rochas e pântanos para o olhar dos visitantes do século XIX (MEAD, 2008). Enfim, criou um ideal de beleza cênica para a Finlândia (HÄYRYNEN, 2008). A beleza das paisagens surge como objeto de amor ao torrão natal, o qual ainda não possuía uma delimitação ou base territorial

precisa (conforme a expressão “nosso Norte”). Embora existissem sentimentos regionais, durante o domínio sueco e nas primeiras décadas de autonomia sob o czar russo, havia apenas a compreensão das pessoas que viviam em uma área geográfica conhecida como “Finlândia” (PAASI, 1997).

Até a primeira metade do século XIX, o sueco era o principal idioma falado pelas elites e amplamente usado nas universidades e demais instituições. Assim, é de se notar que o poema escrito em sueco por Runeberg trazia em seus versos a expressão *Vårt land, vårt land, vårt fosterland* (Nossa terra, nossa terra, nossa pátria). Já a versão em finlandês, redigida no final do século XIX, por Paavo Cajander (em uma época de aumento das políticas de russificação por parte do regime czarista), já apresentava o nome do país (*Suomi*). Esta era uma forma de expressar a força de uma consciência nacional crescente, que agora encontrava na difusão cultural da língua nativa, no crescimento industrial e no nome do país um símbolo pela busca de identidade. O nacionalismo na Finlândia não era uma força libertadora, da forma típica como ocorreu em outras áreas do mundo Europeu.^{xix} Em vez disso, ele exibia fortes elementos de uma religião civil, base burocrática e organização territorial, como um constructo político que fazia do país um típico “Estado” (tampão da Rússia), décadas antes da existência de qualquer nacionalismo mais “sério”, com fortes sentimentos culturais (PAASI, 1997).

A letra do hino mostra claramente como a Finlândia e as suas paisagens foram representadas, estando presentes nela tanto elementos que explicam o “caráter nacional” quanto elementos representativos da própria identidade nacional, por sua prática (PAASI, 2008) através do ritual e da vivência. A paisagem natural, coberta de lagos e florestas, constituiu um imaginário cuja expressão territorial ia muito além de sua área core no século XIV, no atual sudoeste do país, designada originalmente pelo nome de *Suomi*.^{xx} Sob a influência dos conceitos da geografia alemã havia, inclusive, até o primeiro quarto do século XX, a impressão de que o país estava dividido em dois, com

uma paisagem cultural (*Kulturlandschaft*) a sul e a oeste e uma paisagem natural (*Naturlandschaft*) ao norte e a leste (MEAD, 2008). Além disso:

O imaginário da paisagem finlandesa, gradualmente estabelecido durante o século XIX e se tornando um padrão ao longo do século XX, tem sido um elemento fundamental no condicionamento da comunidade finlandesa para perceber o território nacional, além de seus limites, divisões internas e as diferenças sociais, como um todo orgânico e racional. Ele desempenhou ainda um papel crucial na inculcação de valores e emoções nacionais: amor pelo país, sentimento de pertença, reverência ao passado, e expectativas sobre o futuro. Forneceu aos cidadãos um pacote ideológico e um mapa emocional da pátria (HÄYRYNEN, 2008, p.486).

A Finlândia acabou vivenciando mudanças dramáticas em suas fronteiras até o estabelecimento da independência, em 1917, fato que não cessou até o final da Segunda Guerra Mundial, quando o país disputou com a União Soviética a região da Carélia. O imaginário em torno dos lagos, pântanos e rios de correnteza, que estavam presentes em sua iconografia oficial, acabou sendo removido da galeria de paisagens nacionais à medida que sua área a sudeste da região acabou sendo cedida ao domínio soviético (PAASI, 2008). Então, seu povo acabou por se concentrar em Koli, na parte norte da Carélia, como um símbolo de resistência cultural contra as tentativas de russificação de toda a região (HÄYRYNEN, 2008).

Considerações Finais

Hinos nacionais não são apenas canções que despertam ideais de liberdade e de fervor patriótico, mas portam-se como elementos acessórios usados pelo Estado nacional para alimentar e moldar o imaginário da nação, suas fronteiras e sua identidade nacional. Enquanto símbolos patrióticos oficiais, eles procuram criar, através de seu discurso, o imaginário da paisagem como um lugar de lealdade apaixonada, construindo uma identidade afetiva em que se pode experimentar a nação através do processo ritual.

A ideia de identidade está ligada com o conceito de paisagem em várias escalas espaciais, onde as paisagens natural e cultural caracterizam lugares e regiões e lhes dão uma “personalidade”, usada pelo povo no processo em que ele, de forma individual ou coletiva, se identifica com esses conceitos espaciais. A ideia de um local específico ou de uma identidade regional transplantada para a escala nacional é também usada para traçar uma ligação entre povo, memória e território. Para Paasi (2008), a criação e a manutenção de discursos acerca da paisagem ocupam uma posição crucial na criação de identidades nacionais e regionais.

Nota-se que a paisagem continua valorizada pelas lentes da nação e encontrou nos países nórdicos a confluência no tempo e no espaço, em um período caracterizado pelo nacionalismo romântico do século XIX. Foi nesse momento que artistas das mais diversas áreas procuraram retratar as paisagens, que foram se cristalizando como “nacionais” à medida que também se encaixavam no caráter político gerado pelas fusões, anexações e independências dos países escandinavos. Da mesma forma, a busca por uma referência no passado mítico, de caráter nostálgico e harmonioso com a natureza, compõe as letras dos hinos nacionais da região. Tais letras mostram que o papel da paisagem, muitas vezes, está consubstanciado com o povo nas suas mais variadas escalas, com seus espaços de vivência e seus lugares de memória, atuando na construção de uma identidade nacional.

Finalmente, cabe ressaltar que os hinos nacionais portam-se como documentos de interesse para os estudos que envolvem o fenômeno do nacionalismo e o imaginário de nação, principalmente por apresentarem em seu “discurso” os diversos aspectos que remetem à paisagem, ao lugar e ao território – temas estes tão caros à geografia e que podem ser amplamente explorados pela disciplina. Assim, o estudo de tais símbolos procurou contribuir para o entendimento das formas de representação simbólica do espaço nos territórios em escala nacional, pois, afinal:

A pátria, como sujeito discursivamente construído, está configurada, toma sua forma, nos textos sonoros e plásticos que reproduzem ritualmente o amor feito à ela. A pátria está mais próxima, é mais acessível, através de seus símbolos (o hino, a bandeira, o escudo) que através de seus pretextos (a nação e suas justificações) (ESTÉVEZ, 2004, p.363).

Referências

ANDERSON, B. **Comunidades imaginadas: reflexões sobre a origem e a expansão do nacionalismo**. Lisboa: Edições 70, 2005.

AUSTAD, I.; HAGE, L. The “fjordscape” of inner Sogn, Western Norway. In: JONES, M.; OLWIG, K. R. (Org.). **Nordic landscapes: region and belonging on the northern edge of Europe**. Minneapolis/London, University of Minnesota Press, 2008.

BLADH, G. Selma Lagerlöf's Värmland: a Swedish *landskap* in thought and practice. In: JONES, M.; OLWIG, K. R. (Org.). **Nordic landscapes: region and belonging on the northern edge of Europe**. Minneapolis/London, University of Minnesota Press, 2008.

BREEN, T. H. Interpretando o nacionalismo no Novo Mundo. In: PAMPLONA, M. A.; DOYLE D. H. (org.) **Nacionalismo no Novo Mundo – a formação dos Estados-nação no século XIX**. Rio de Janeiro: Editora Record, 2008.

BROSSEAU, M. O romance: o outro sujeito para a geografia. In: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (Org.). **Literatura, música e espaço**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2007. (Série Geografia Cultural).

CARNEY, G. O. Música e lugar. In: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (Org.). **Literatura, música e espaço**. Rio de Janeiro: Ed. da UERJ, 2007. (Coleção Geografia Cultural).

CARVALHO, J. M. **A formação das almas: o imaginário da República no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

CERULO, K. A. Symbols and the World System: National Anthems and Flags. **Sociological Forum**: New Jersey: v. 8 (2), p.243-271, 1993.

CHAUÍ, M. **Brasil: mito fundador da sociedade autoritária**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2000.

CLAVAL, P. A volta do cultural na geografia. **Mercator**: Fortaleza: UFCE, v.1 (1) p.19-28, 2002.

COHEN, A. P. **The symbolic construction of community**. London: Tavistock Publications, 1985.

COSGROVE, D. **Social formation and symbolic landscape**. Madison: University of Wisconsin Press, 1998.

COSGROVE, D. A geografia está em toda parte: cultura e simbolismo nas paisagens humanas. In: ROSENDAHL, Z.; CORRÊA, R. L. **Paisagem, tempo e cultura**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2004.

DOMINGUES, A. A paisagem revisitada. **Finisterra**: Lisboa, v.34 (72), p.55-66, 2001.

DUNCAN, J. A paisagem como sistema de criação de signos. In: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (Org.) **Paisagens, textos e identidade**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2004.

ESTÉVEZ, M. G. El amor a la patria y a la tribu: las retóricas de la memoria incómoda. **Revista de Antropología**: São Paulo, USP, v. 47 (2), p. 345-377, 2004.

GOMES, E. T. A. Natureza e cultura – representações na paisagem. In: ROSENDAHL, Z.; CORRÊA, R. L. **Paisagem, imaginário e espaço**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001.

GUIBERNAU, M. **Nacionalismos: o estado nacional e o nacionalismo no século XX**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 10ª ed. 2005.

HÄYRYNEN, M. A kaleidoscopic nation: the Finnish national landscape imagery. In: JONES, M.; OLWIG, K. R. (Org.). **Nordic landscapes: region and belonging on the northern edge of Europe**. Minneapolis/London, University of Minnesota Press, 2008.

JONES, M.; OLWIG, K. R. (Org.). **Nordic landscapes: region and belonging on the northern edge of Europe**. Minneapolis/London, University of Minnesota Press, 2008.

JONES, M. The “two landscapes” of North Norway and the “cultural landscape” of the South. In: JONES, M.; OLWIG, K. R. (Org.). **Nordic landscapes: region and belonging on the northern edge of Europe**. Minneapolis/London, University of Minnesota Press, 2008.

KLINGE, M. **Breve história da Finlândia**. Helsinque: Editorial Otava, 2000.

LACOSTE, Y. Para que serve a paisagem? O que é uma bela paisagem? **Boletim Paulista de Geografia**: São Paulo, v. 79, p.115-150, 2003.

LEACH, E. **Cultura e comunicação: a lógica pela qual os símbolos estão ligados**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1978.

LOWENTHAL, D. European and English landscapes as national symbols. In: HOOSON, D. **Geography and national identity**. Oxford: Blackwell Publishers/The Institute of British Geographers, 1994.

LUCHIARI, M. T. D. P. A (re)significação da paisagem no período contemporâneo. In: ROSENDAHL, Z.; CORRÊA, R. L. **Paisagem, imaginário e espaço**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001.

MEAD, W. R. Reflections on the historical landscapes of Finland. In: JONES, M.; OLWIG, K. R. (Org.). **Nordic landscapes: region and belonging on the northern edge of Europe**. Minneapolis/London, University of Minnesota Press, 2008.

MELO, V. M. Paisagem e simbolismo. In: ROSENDAHL, Z.; CORRÊA, R. L. **Paisagem, imaginário e espaço**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001.

MENUHIN, Y.; DAVIS, C. W. **A música do homem**. São Paulo: Martins Fontes, 1990.

OLWIG, K. R. Danish landscapes. In: JONES, M.; OLWIG, K. R. (Org.). **Nordic landscapes: region and belonging on the northern edge of Europe**. Minneapolis/London, University of Minnesota Press, 2008a.

OLWIG, K. R. The Jutland cipher: unlocking the meaning and power of a contested landscape. In: JONES, M.; OLWIG, K. R. (Org.). **Nordic landscapes: region and belonging on the northern edge of Europe**. Minneapolis/London, University of Minnesota Press, 2008b.

OTERO, E. D. **A origem dos nomes dos países**. São Paulo: Panda Books, 2006.

PAASI, A. Geographical perspectives on Finnish national identity. **GeoJournal**. Amsterdam, v 43, September, p.41–50, 1997.

PAASI, A. Finnish landscape as social practice: mapping identity and scale. In: JONES, M.; OLWIG, K. R. (Org.). **Nordic landscapes: region and belonging on the northern edge of Europe**. Minneapolis/London, University of Minnesota Press, 2008.

ROSENDAHL, Z.; CORRÊA, R. L. **Paisagem, imaginário e espaço**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001.

SALGUEIRO, T. B. Paisagem e geografia. **Finisterra**: Lisboa, v.34 (72), p.37-53, 2001.

SPORRONG, U. The Swedish landscape: the regional identity of historical Sweden. In: JONES, M.; OLWIG, K. R. (Org.). **Nordic landscapes: region and belonging on the northern edge of Europe**. Minneapolis/London, University of Minnesota Press, 2008a.

SPORRONG, U. The province of Dalecarlia (Darlana): heartland or anomaly? In: JONES, M.; OLWIG, K. R. (Org.). **Nordic landscapes: region and belonging on the northern edge of Europe**. Minneapolis/London, University of Minnesota Press, 2008b.

Resumo

O hino nacional, a bandeira e o brasão de armas são os três símbolos através dos quais um país independente proclama sua identidade e soberania. Eles são signos que carregam uma afinidade especial para as nações que representam, distinguindo-as umas das outras, e reafirmando suas fronteiras de identidade. Eles projetam valores culturais associados a uma entidade política e à ideia de pertencimento a uma nacionalidade, uma comunidade política imaginada. Neste artigo, examina-se a relação entre a paisagem e os hinos nacionais nórdicos, onde se encontra uma grande variedade de significações que envolvem a natureza, o território, o lugar e a cultura como formas de construção do imaginário de nação nos países do norte da Europa. Argumenta-se que os hinos nacionais são documentos de interesse para os estudos sobre o nacionalismo e o imaginário de nação, pois, ao apresentarem em seu discurso os aspectos da paisagem geográfica, também contribuem para uma análise dos territórios a partir das formas culturais de representação espacial.

Palavras-chave: Hinos Nacionais. Paisagem. Território. Escandinávia. Identidade. Região.

Abstract

The national anthem, together with the flag and coat of arms are the three symbols through which an independent country proclaims your identity and sovereignty; they are signs that bear a special relationship to the nations they represent, distinguishing them from one another and reaffirming their identity boundaries. They project cultural values associated to a political identity and the idea of belonging to a nationality, an imagined political community. In this article, the relation between landscape and the Nordic national anthems is examined, where is revealed a great variety of significances that embrace the nature, the territory, the place and the culture as forms of building of nation's imaginary in the countries of the Northern Europe. It is argued that national anthems are documents of interest for the studies of nationalism and nation's imaginary, therefore, in his speech to present aspects of the geographical landscape, they also contribute to an analysis of territories from the cultural forms of spatial representation.

Keywords: National Anthems. Landscape. Territory. Scandinavia. Identity. Region.

Resumen

La bandera, el escudo y el himno nacional son los tres símbolos a través del cual un país independiente proclama su identidad y soberanía; son signos que llevan una afinidad especial por las naciones que representan, haciéndolas distintas una de las otras, y reafirmando sus fronteras de la identidad. Proyectan valores culturales asociados a una entidad política y a la idea de pertenencia a una nacionalidad, una comunidad política imaginada. En este artículo, se examina la relación entre el paisaje

y los himnos nacionales nórdicos, donde se encuentra una gran variedad de significados que involucra la naturaleza, el territorio, el lugar y la cultura como formas de construir la nación de una manera ficticia en los países al norte de Europa. Se argumenta que los himnos nacionales son documentos de interés para los estudios del nacionalismo y de la nación imaginaria, que cuando presentadas en su discurso los aspectos de paisaje geográfico, también contribuyen para un análisis de los territorios en formas culturales de representación espacial.

Palabras-clave: Himnos Nacionales. Paisaje. Territorio. Escandinavia. Identidad. Región.

ⁱ A criação da identidade nacional [...] corresponde a um processo complexo pelo qual os indivíduos se identificam com símbolos que têm o poder de unir e acentuar o senso de comunidade. Esse processo de identificação envolve um fluxo contínuo entre os indivíduos e os símbolos, no sentido de que os indivíduos não têm apenas de aceitar os símbolos já estabelecidos, mas têm, antes, de recriá-los constantemente e atribuir-lhes novo significado conforme a alteração das circunstâncias através das quais a vida da comunidade se desenvolve (GUIBERNAU, 1997, p.94).

ⁱⁱ Na língua inglesa há uma distinção clara entre o hino com sentido religioso (*hymn*) e aqueles cujo sentido é profano e muito mais ligado à música militar, o chamado *anthem*. É daí também que o hino enquanto símbolo estatal ganha sentido diferenciado daquele que se configura em uma canção religiosa, através da palavra *national anthem* (hino nacional).

ⁱⁱⁱ [...] mesmo silenciosamente, transformamos primeiro a obra em objeto e aquilo que ela exprime em “fatos” favoráveis à investigação científica. Ora, o fato de atribuir essa virtude ao texto [...] a partir das quais ele pode ser lido e interpretado, mostra que, se se trata de “objeto”, ele não poderia ser comparado ao objeto das ciências naturais. Um diálogo só se estabelece bem entre dois sujeitos (BROSSEAU, 2007, p. 87).

^{iv} Em uma posição humanista, busca-se a interpretação que o indivíduo faz do mundo, do ponto de vista da percepção; desta difere-se a análise radical, na qual se estuda a posição do indivíduo na sociedade e sua “situação” no sistema de classes, como também seu contexto biográfico. Há também a perspectiva da história paralela, na qual a conexão entre geografia e literatura se faz em analisar o quanto o romancista “porta-se como bom geógrafo”, uma comparação entre o mundo objeto e a subjetividade humana (BROSSEAU, 2007).

^v Nas palavras de Carney (2007, p.131-132) “Lugar pode referir-se a uma variedade de escalas, em cada uma das quais, em termos de experiência, há uma característica ligada à estrutura interna e à identidade. Assim, os seres humanos habitam uma hierarquia de lugares [...]” no tocante que a análise da música pode contribuir para compreender suas recordações e experiências, pois o relacionamento entre pessoa e lugar é recíproco, pois este incorpora significados e depende da história pessoal e coletiva. É através das interações que se desenvolve uma profunda associação psicológica com um lugar em específico, uma região ou mesmo uma nação.

^{vi} Não incluí o hino nacional da Islândia por ser uma canção cuja temática é religiosa.

^{vii} Tradução: Paula Johns.

^{viii} A Jutlândia possui áreas de florestas, dunas agrestes na sua porção ocidental e charnecas. Estas charnecas formavam uma paisagem característica que cobria cerca de 1,2 milhões de hectares em 1800, ou cerca de 40% do território da península. As bacias hidrográficas resultantes das geleiras criaram uma vasta planície flúvio-sedimentar de areia, que foi interrompida aqui e ali por ilhas de depósitos de argila dispostos em montes resultantes de períodos anteriores à glaciação. Para leste, os depósitos das morenas das geleiras deixaram o terreno colinoso, com solos mais pesados e férteis, que suportam a agricultura e a silvicultura (OLWIG, 2008b).

^{ix} Tallin, capital da Estônia, por exemplo, tem seu nome atribuído à palavra *Taani-linn(a)*, que significa “Castelo Dinamarquês” após os dinamarqueses construírem o referido castelo no lugar da fortaleza estoniana (chamada Lindanisse) no século XIII.

^x “O Rei Harald ordenou construir este monumento em honra a Gorm, seu pai, e a Thyra, sua mãe; o mesmo Harald que para si conquistou toda Dinamarca e Noruega, e aos dinamarqueses fez cristãos” (OLWIG, 2008b, p.19). O nome deriva do legendário rei Dan da mitologia nórdica,

que se tornou o primeiro monarca do país, chamado de Dinamarca ou *Danmark* (terras de Dan) em reconhecimento a sua autoridade (OTERO, 2006).

^{xi} Tradução: Svenska institutet/Instituto Sueco (1998). A canção é usada até hoje como hino, inclusive em festas cívicas e eventos esportivos, embora nunca tenha sido declarada como símbolo oficial pelo Reino da Suécia.

^{xii} O nome “Suécia” deriva de “Svitjod”, que significa “povo de Svear”, em que “Svear” ou “Suiones” é o povo que foi mencionado no ano de 98 de nossa era pelo historiador romano Tácito. O antigo nome do país era Svithiot. Em sueco, o nome da nação é Sverige, composto de “Svear”, o povo já mencionado, e “rige”, que significa “reino”, isto é, “o reino do povo de Svear” (OTERO, 2006, p.396).

^{xiii} Norrland é uma das três regiões “históricas” da Suécia até 1809, que abrangia o norte do país e as regiões setentrionais da atual Finlândia. Ela fazia divisa com a região histórica de Svealand; ao sul do país encontrava-se a terceira região: Götaland.

^{xiv} Quando geógrafos alemães adotaram o conceito de *landschaft*, no século XIX, este passou a representar uma parcela do tangível, a base física estudada como uma paisagem física ou cultural. No norte da Europa, a partir da Idade Média, pelo menos, *landskap* passou a significar a província histórica, que geralmente foi culturalmente e geograficamente homogênea. Com a influência do *landschap* dos pintores holandeses, o termo “paisagem” passou a representar uma visão das cenas interioranas. Primeiramente, o objeto de estudo foi a parte visível da superfície da Terra, de acordo com o ponto de vista morfológico predominante, em que o papel das pessoas que muitas vezes era obscuro e, no fundo, essas relações invisíveis para a paisagem como um objeto de estudo eram frequentemente silenciosas. Com o uso científico do termo, seguiram-se conotações que afetaram suas relações, muitas vezes tidas como certas, para conceitos como o de região, natureza, cultura e nação (BLADH, 2008).

^{xv} Aqui o autor quis caracterizar as habitações urbanas (*hus*) e as típicas habitações rurais e semi-rurais feitas de madeira (*hytte*) como forma de mostrar que o território era habitado por noruegueses, no sentido de que todos “na cidade e no campo” estavam empenhados em buscar a independência do país.

^{xvi} Traduzi a expressão como “milhares de lares” para dar um sentido didático ao hino. Deve-se atentar que Bjørnson escreveu esses versos para justificar, dentro do nacionalismo romântico do século XIX, que o país era habitado distintivamente por “noruegueses”, pois se encontrava unido juridicamente à Suécia.

^{xvii} O nome “Noruega”, “Norge” ou “Noreg”, na língua nativa, deriva, segundo algumas fontes, de “Norvegr” ou “Noregr”, que significa “o caminho do norte” (em inglês Noruega se diz justamente Nor[th]way). Os vikings usavam esse termo, mais de mil anos atrás, para designar a rota marítima ao longo da costa oeste da Noruega. Essa era a rota que usavam quando iam pescar no oceano Ártico. Os noruegueses foram navegantes desde o início de sua história, e faz todo sentido imaginar que o nome de seu país está relacionado a um termo náutico (OTERO, 2006, p.368).
[grifo nosso]

^{xviii} Em obras como *Hirvenhihtäjät* (Caçadores de alce com esqui) e *Vänrikki Stoolin tarinat* (Contos do alferes Ståhl), Runeberg idealizou a imagem de um povo finlandês pobre, mas trabalhador e vivendo em harmonia e contentamento. O folclore finlandês foi recolhido e apresentado de forma poética por Elias Lönnhöt em sua obra – *Kalevala* – que em muito contribuiu para divulgar a Finlândia. As citadas obras constituem uma descrição muito eloquente, mas também benévola e quase sempre jocosa, do povo finlandês (KLINGE, 2000).

^{xix} O programa de Runeberg era conscientemente ante-revolucionário (sic); ele escreveu seus grandes poemas da natureza entre 1846 e 1853, uma época de distúrbios políticos na Europa (KLINGE, 2000, p.71).

^{xx} Finlândia significa “terra dos finlandeses” [...]. O nome “finlandês” deriva de “fenni”, denominação dada pelos autores romanos do primeiro século da era cristã às tribos do extremo oriental do mar Báltico. Estes chamavam essas terras de Fennia, vocábulo de origem germânica que significa “povo dos países pantanosos”. O nome do país em idioma nativo é *Suomi-Maa* ou *Suomi*, em que “Maa” significa “terra” ou “país” e “Suomi” deriva da palavra “Suoma” (pântano). Por isso, antigamente o país era conhecido também como *Suomalaiset*, isto é, “país dos pântanos” (OTERO, 2006, p.323).

Sobre o autor:

Tiago José Berg - <http://lattes.cnpq.br/7032346585334344>

Licenciado, bacharel e mestre em Geografia pela Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" (UNESP), campus de Rio Claro – SP, onde cursa o doutorado. Em 2008 publicou o livro "Hinos de todos os países do mundo". Também é membro da *North American Vexillological Association* (NAVA), entidade de reconhecimento internacional no estudo científico das bandeiras.

Contato: tiago_berg@yahoo.com.br